

Missionária defende luta

A missionária Maria Amélia Leite, 68, passou a experiência que trouxe do seu trabalho com os Xokós, às margens do rio São Francisco, em Sergipe, para os Tapebas e Tremembés, no Ceará. Ela conheceu os Tremembés por acaso, quando tirava umas férias em Acaraú e acabou se envolvendo com a luta pela identificação das terras deles. Ela conta que também passou meses conhecendo de perto a realidade Tapeba, dormindo junto com a tribo e animando os índios para que não desistissem da área, uma vez que haviam ameaças e perseguições.

Em 1986, até um representante dos Kiriri, da aldeia Mirandela, Norte da Bahia, passou uma semana junto aos Tapebas, também com a finalidade de animar o cacique Chico Bento. Hoje Tapebas e Tremembés se organizaram na luta pela terra. Em uma carta envia-

da ao ministro Íris Rezende, em fevereiro, eles denunciavam perseguições, mas falam de esperança em uma vitória final, porque "a luta é justa".

Na carta, eles explicam que há informações sobre os Tremembés de Almofala desde 1502, quando esteve no Ceará Vicent Pinzon.

Agora que a espera é pela demarcação física da terra, a carta ao Ministro da Justiça tenta sensibilizar as autoridades para o processo dos Tremembés que tiveram suspenso o processo demarcatório. Para o coordenador Geral do Conselho Indígena Tremembé de Almofala, Francisco Manuel Pedro, foi uma desmoralização da Funai: em 1993 eles foram reconhecidos oficialmente como povo e terra indígena e em 1996 o então ministro da Justiça, Nelson Jobim, suspendeu o processo de demarcação. (A.A.)

"O POVO" 15/02/98